INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

As razões do (in)sucesso académico: trajetórias e expectativas de estudantes guineenses no ensino superior em Portugal

Rosalino Albino Sá

Mestrado em Sociologia

Orientador:
Doutor Rodrigo Vieira de Assis, Professor Auxiliar
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025

SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

As razões do (in)sucesso académico: trajetórias e expectativas de estudantes guineenses no ensino superior em Portugal

Rosalino Albino Sá

Mestrado em Sociologia

Orientador:
Doutor Rodrigo Vieira de Assis, Professor Auxiliar
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelo Dom da vida.

Um agradecimento especial ao meu orientador, o Professor Doutor Rodrigo Vieira de Assis, pela sua capacidade de orientar, sempre demonstrada durante a realização deste trabalho. O meu apreço e consideração pela sua disponibilidade com grande incentivo. O meu muito obrigado.

Estendo os agradecimentos a todos os professores do Departamento da Sociologia do ISCTE, em particular ao Professor Doutor Alexandre Calado, que sempre se interessou em apoiar-me.

Gostava de agradecer a participação de todos os meus conterrâneos estudantes entrevistados. Sem as suas disponibilidades e acessibilidades na partilha das suas trajetórias e das suas experiências escolares, sociais e académicas este trabalho não seria possível.

Aos meus progenitores, nomeadamente ao meu pai, Albino Sá, que faleceu recentemente, e à minha Mãe, Lucinda Có, bem como às minhas irmãs e ao meu irmão. A minha filha Rosalina, pelo amor incondicional.

Bem-haja a todos!

Resumo

Nas últimas décadas, o ensino superior português tem acolhido um número crescente de estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), refletindo laços históricos e linguísticos com os antigos territórios coloniais. Esta dissertação foca-se na experiência de estudantes guineenses em programas de mestrado em Portugal, explorando os fatores que influenciam a decisão de prosseguir estudos, os obstáculos enfrentados e as estratégias mobilizadas para garantir a permanência e o sucesso académico. A investigação, de natureza qualitativa, baseou-se em entrevistas semiestruturadas com 11 estudantes guineenses de diferentes áreas disciplinares. A análise das narrativas revelou trajetórias marcadas por diversidade social, adversidades educativas e forte investimento pessoal. Verificou-se que, apesar de partirem de contextos socioeconómicos desfavorecidos, os estudantes apresentam perfis familiares e escolares heterogéneos, contrariando estereótipos de homogeneidade. As dificuldades enfrentadas incluem limitações estruturais do sistema educativo guineense, barreiras económicas e desafios de adaptação ao contexto académico português. No entanto, redes de apoio familiares, comunitárias e associativas revelaram-se fundamentais para a construção de percursos de pertença e sucesso. As perspetivas futuras oscilam entre o regresso à Guiné-Bissau e a continuidade da formação em Portugal, com destaque para o papel transformador da experiência académica. Este estudo contribui para o debate sobre mobilidade académica, desigualdades e agência no espaço lusófono, valorizando as narrativas dos estudantes como expressão de resistência e projeto.

Palavras-chave: Estudantes guineenses, Ensino superior, Mobilidade académica, Portugal

Abstract

In recent decades, Portuguese higher education has welcomed a growing number of students from Portuguese-speaking African countries (PALOP), reflecting historical, cultural and linguistic continuities between Portugal and its former colonial territories. This dissertation focuses on the experiences of Guinean students enrolled in master's programmes in Portugal, exploring the factors influencing their decision to pursue further studies, the obstacles encountered, and the strategies employed to ensure academic persistence and success. The research adopts a qualitative approach, based on semi-structured interviews with 11 Guinean students from diverse disciplinary backgrounds. The analysis of their narratives reveals trajectories shaped by social diversity, educational adversity and strong personal investment. Despite coming from disadvantaged socioeconomic contexts, the students display heterogeneous family and educational profiles, challenging stereotypes of homogeneity. The difficulties faced include structural limitations of the Guinean education system, economic constraints, and challenges in adapting to the Portuguese academic environment. Nevertheless, family, community and associative support networks play a crucial role in fostering belonging and achievement. Future perspectives vary between returning to Guinea-Bissau and continuing their academic journey in Portugal, with emphasis on the transformative potential of higher education. This study contributes to the debate on academic mobility, educational inequalities and agency within the Lusophone space, valuing students' narratives as expressions of resilience and aspiration.

Keywords: Guinean students, Higher education, Academic mobility, Portugal

Índice

Introdução 11

Capítulo 1 – Estudantes guineenses no ensino superior em português: um enquadramento teórico 13

1.1 Introdução 13

1.2 Mobilidade académica e ensino superior no espaço lusófono 13

1.3 Estudantes guineenses em Portugal: contributos da literatura 15

1.4 Para uma análise sociológica das experiências e trajetórias académicas 16

1.5 Educação superior e desigualdades sociais 18

1.6 Considerações finais 19

Capítulo 2 – Metodologia 22

2.1 Abordagem metodológica 22

2.2 Estratégia de recolha de dados 22

2.3 Caracterização dos participantes 24

2.4 Tratamento e análise dos dados 24

Capítulo 3 - Trajetórias e expectativas de estudantes guineenses no ensino superior em Portugal 26

3.1 Introdução 26

3.2 Origem social e familiar: condições de partida e estímulo ao estudo 26

3.3 Experiências escolares e académicas anteriores ao mestrado (trajetória escolar e académica antes do mestrado) 29

3.4 Experiência académica no mestrado em Portugal 33

3.4.1 Integração e Adaptação 35

3.4.2 Relações Sociais e Comunidade Académica 38

3.5 Perspetivas futuras 40

Considerações finais 42

Referências 44

Anexo A – Guião de entrevista 46

Introdução

Nas últimas décadas, o ensino superior português tem vindo a acolher um número crescente de estudantes oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), entre os quais se destacam os provenientes da Guiné-Bissau. Este fenómeno inscreve-se num contexto mais amplo de mobilidade académica internacional, atravessado por dinâmicas históricas, linguísticas e políticas que aproximam Portugal dos seus antigos territórios coloniais (Doutor & Alves, 2020). A presença destes estudantes nas universidades portuguesas levanta questões relevantes sobre desigualdades no acesso, processos de integração, reconhecimento académico e projeções de futuro, que merecem ser analisadas à luz das suas experiências concretas (Cá, 2015).

A presente dissertação centra-se na experiência de estudantes guineenses que frequentam programas de mestrado em Portugal. Trata-se de uma investigação qualitativa que privilegia a análise das narrativas individuais, sem pretender generalizar os seus resultados a todas as instituições de ensino superior, mas antes oferecer uma leitura aprofundada de trajetórias e perceções que ilustram dinâmicas mais amplas no espaço académico lusófono. Embora os dados tenham sido recolhidos junto de estudantes de uma instituição específica, o foco da análise recai sobre os sujeitos e não sobre a instituição em si.

A investigação parte da necessidade de compreender como estes estudantes constroem os seus percursos académicos e sociais num contexto marcado por deslocações geográficas, desigualdades estruturais e reconfigurações identitárias. Procura-se compreender de que modo as suas condições de origem, as experiências escolares anteriores, os desafios enfrentados no ensino superior português e as redes de apoio mobilizadas influenciam as suas trajetórias e as suas perspetivas de futuro. Assim, o objetivo geral deste estudo é compreender as experiências de estudantes guineenses no ensino superior português, a partir das suas trajetórias académicas e sociais no contexto de programas de mestrado.

Para alcançar este objetivo, a investigação procura, por um lado, analisar como os estudantes interpretam e narram os seus percursos desde a origem social e familiar até à sua integração no ensino superior em Portugal; e, por outro, compreender de que forma essas experiências moldam as suas expectativas em relação ao futuro, seja no regresso à Guiné-Bissau, seja na continuidade dos estudos ou da vida profissional em Portugal. Esta

análise dialoga com investigações anteriores sobre a presença guineense em Portugal, que têm evidenciado os desafios da integração social e académica, bem como os processos de construção identitária em contextos de mobilidade (cf. Machado, 2002).

A dissertação organiza-se em quatro capítulos principais. Após esta introdução, o Capítulo 1 apresenta o enquadramento teórico, discutindo os principais conceitos e abordagens que sustentam a análise das trajetórias de estudantes internacionais, com especial atenção ao contexto dos PALOP. O Capítulo 2 descreve a metodologia adotada, incluindo a abordagem qualitativa, os critérios de seleção dos participantes, o guião de entrevista e os procedimentos de análise. O Capítulo 3 desenvolve a análise empírica, estruturada em torno das dimensões identificadas nas entrevistas: origem social e familiar, experiências escolares anteriores, vivência académica no mestrado, integração e relações sociais, e perspetivas futuras. Por fim, a dissertação encerra com uma conclusão que sintetiza os principais resultados, refletindo sobre os contributos do estudo e propondo caminhos para futuras investigações e políticas de apoio à integração de estudantes internacionais.

Capítulo 1

Estudantes guineenses no ensino superior em português: um enquadramento teórico

1.1 Introdução

Este capítulo tem como objetivo construir uma base conceptual que permita compreender sociologicamente as experiências de estudantes guineenses em programas de mestrado em Portugal. A articulação entre o contexto empírico e a literatura especializada é fundamental para situar as trajetórias individuais num quadro mais amplo de dinâmicas sociais, históricas e institucionais que atravessam o espaço académico lusófono.

A mobilidade de estudantes oriundos dos PALOP para Portugal inscreve-se em processos que envolvem relações pós-coloniais, políticas de cooperação internacional, desigualdades estruturais e reconfigurações identitárias. Ao mesmo tempo, estas trajetórias são atravessadas por dimensões subjetivas e relacionais que exigem uma abordagem sensível às experiências vividas e aos significados atribuídos pelos próprios sujeitos.

Assim, este enquadramento teórico organiza-se em três secções principais. A primeira contextualiza a mobilidade académica no espaço lusófono, com destaque para os fluxos entre os PALOP e Portugal. A segunda revisita os principais contributos empíricos sobre estudantes guineenses em instituições de ensino superior portuguesas. A terceira propõe uma leitura sociológica das trajetórias académicas, mobilizando conceitos como capital cultural, integração social, redes de apoio e projetos de futuro.

1.2 Mobilidade académica e ensino superior no espaço lusófono

A mobilidade académica entre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Portugal tem raízes históricas profundas, associadas à colonização, à partilha de uma língua comum e à manutenção de laços institucionais no pós-independência. Desde os anos 1980, Portugal tem vindo a consolidar a sua posição como destino privilegiado para estudantes oriundos destes países, através de programas de cooperação bilateral, bolsas de estudo e acordos interinstitucionais (Mauritti et al., 2023).

Este fluxo de estudantes deve ser compreendido não apenas como uma consequência de políticas educativas, mas como parte de um campo de relações pós-coloniais que continuam a estruturar o espaço académico lusófono. A língua portuguesa funciona simultaneamente como ponte e filtro, facilitando o acesso formal ao ensino superior, mas também reproduzindo hierarquias simbólicas entre os países emissores e o país recetor.

Este fenómeno é enquadrado por políticas públicas que promovem a internacionalização do ensino superior, mas que também reproduzem assimetrias entre países emissores e recetores. A circulação académica entre os PALOP e Portugal não se dá em condições de igualdade: os estudantes enfrentam barreiras económicas, burocráticas e simbólicas que condicionam o acesso, a permanência e o sucesso académico (Doutor & Alves, 2020; Doutor et al., 2016; Vinagre, 2017).

A literatura sobre mobilidade académica internacional tem evidenciado que os estudantes provenientes de contextos periféricos enfrentam múltiplos desafios, que vão desde o reconhecimento de diplomas e competências até à adaptação cultural e institucional. Oduwaye et al. (2023), numa análise de tendências ao longo de 21 anos, identificam como persistentes os desafios socioculturais e académicos enfrentados por estudantes internacionais, com destaque para as dificuldades linguísticas, a adaptação ao sistema de ensino e a escassez de apoio institucional.

No caso dos estudantes guineenses em Portugal, essas dificuldades são agravadas por fatores como a instabilidade política no país de origem, a precariedade das infraestruturas educativas e a ausência de redes institucionais consolidadas de apoio no país de destino. Eusafzai (2023), ao estudar estudantes internacionais em destinos periféricos como o Quirguistão, mostra como a falta de capital cultural e o desencontro entre *habitus* dos estudantes e o campo académico local geram assimetrias de poder que dificultam a integração e o sucesso académico. Complementarmente, a revisão sistemática de Lomer et al. (2024) evidencia como as desigualdades sociais moldam a mobilidade estudantil internacional, afetando desproporcionalmente estudantes de países de baixo rendimento. O estudo destaca que fatores como origem socioeconómica, políticas migratórias e regimes de reconhecimento institucional contribuem para a reprodução de desigualdades no acesso e na permanência no ensino superior internacional. Embora o contexto geográfico seja distinto, os mecanismos sociais descritos são relevantes para compreender as experiências de estudantes guineenses em Portugal, que também habitam posições periféricas no espaço académico global.

Além disso, a mobilidade académica no espaço lusófono é marcada por dinâmicas pós-coloniais que influenciam as representações mútuas, os regimes de reconhecimento e as relações institucionais. A presença de estudantes guineenses em universidades portuguesas não pode ser dissociada das continuidades coloniais que persistem nas práticas educativas, nos currículos e nas estruturas de poder que regulam o campo académico (Cá, 2015).

Neste sentido, é importante mobilizar uma abordagem crítica que reconheça o ensino superior como um espaço social atravessado por relações de poder, onde se jogam processos de inclusão e exclusão. A mobilidade académica não é apenas uma oportunidade de formação, mas também um campo de disputa simbólica, onde os estudantes constroem e negociam identidades, pertencimentos e projetos de vida.

Neste contexto, importa reconhecer que a mobilidade académica não é apenas um processo técnico ou administrativo, mas uma experiência social com múltiplas dimensões, atravessada por desigualdades, expectativas e negociações identitárias. A análise das trajetórias dos estudantes guineenses exige, portanto, uma abordagem crítica que considere tanto os enquadramentos estruturais como as vivências concretas dos sujeitos em movimento.

1.3 Estudantes guineenses em Portugal: contributos da literatura

A presença de estudantes guineenses no ensino superior português tem vindo a ganhar atenção académica, ainda que de forma relativamente recente e fragmentada. Os estudos disponíveis oferecem contributos relevantes para a construção de uma problemática sociológica centrada nas experiências de mobilidade, integração e projeção de futuro destes estudantes, permitindo compreender como se articulam os constrangimentos estruturais e as estratégias individuais em contextos de deslocamento académico.

Um dos trabalhos mais significativos é o de Doutor (2024), que analisa as barreiras enfrentadas por estudantes guineenses em universidades portuguesas. A autora identifica obstáculos como a morosidade na obtenção de vistos, dificuldades linguísticas, escassez de alojamento, constrangimentos financeiros e desafios socioculturais. Mais do que uma descrição de dificuldades, o estudo propõe uma leitura crítica das formas de discriminação institucional que afetam a trajetória académica destes estudantes, evidenciando como o campo universitário português reproduz desigualdades pós-coloniais que condicionam o sucesso académico e a integração social.

Complementarmente, Silva e Machado (2023) exploram as motivações, os desafios quotidianos e as redes de sociabilidade de estudantes guineenses no ISCSP – Universidade de Lisboa. Os autores sublinham a ausência de políticas institucionais de apoio e a invisibilidade de conteúdos curriculares relacionados com África, apontando para uma desvalorização simbólica das referências culturais dos estudantes. Este trabalho contribui para a compreensão das estratégias de resistência e afirmação identitária que emergem no quotidiano académico, através da participação em coletivos estudantis e da reivindicação de espaços de representação. Já Cá (2015), num estudo anterior, destaca as dificuldades de adaptação escolar e social entre estudantes guineenses do primeiro ciclo, com especial atenção ao papel das redes informais de apoio, como associações estudantis e comunidades migrantes, na construção de estratégias de pertença. A investigação sugere que, em contextos de fraca institucionalização do apoio, os estudantes mobilizam recursos relacionais e culturais para enfrentar os desafios da integração, o que reforça a importância de uma abordagem centrada nos sujeitos e nas suas práticas.

A literatura também aponta para o papel ambivalente dos regimes especiais de acesso e das bolsas de estudo. Embora funcionem como mecanismos facilitadores da mobilidade, são frequentemente insuficientes para garantir a permanência e o sucesso académico. A cooperação internacional entre Portugal e a Guiné-Bissau, através de instituições como o Instituto Camões e a Fundação Calouste Gulbenkian, tem promovido oportunidades de formação, mas não resolve os problemas estruturais que afetam estes estudantes, como a precariedade económica e a instabilidade política no país de origem

Os estudos empíricos sobre estudantes guineenses em Portugal revelam, assim, um conjunto de desafios persistentes, que vão desde o acesso ao ensino superior até à adaptação académica e social, ou seja, múltiplos desafios que são atravessados por desigualdades estruturais, barreiras institucionais e dinâmicas culturais que exigem uma abordagem teórica sensível às experiências vividas, às estratégias de agência e às reconfigurações identitárias em contextos de mobilidade académica internacional.

1.4 Para uma análise sociológica das experiências e trajetórias académicas

A compreensão das trajetórias dos estudantes guineenses no ensino superior português exige uma abordagem sociológica que articule diferentes dimensões da experiência académica e migratória. Estas trajetórias não podem ser vistas como simples deslocações

geográficas ou escolhas educativas, mas como processos complexos, atravessados por desigualdades estruturais, negociações identitárias e projetos de vida em construção.

Um ponto de partida fundamental é o reconhecimento das condições de origem destes estudantes, frequentemente marcadas por contextos socioeconómicos desfavorecidos e sistemas educativos frágeis. Inspirando-se na teoria de Pierre Bourdieu (2010 [1979]; Bourdieu & Passeron, 1983), o conceito de capital cultural permite compreender como os recursos simbólicos e escolares adquiridos ao longo da vida influenciam o acesso e a adaptação ao ensino superior. A descontinuidade entre o *habitus*[1] escolar de origem e os códigos institucionais das universidades portuguesas pode gerar situações de desajustamento, não apenas cognitivo, mas também simbólico e afetivo. Este desajustamento exige dos estudantes estratégias de compensação e ajustamento que nem sempre são reconhecidas pelas instituições, revelando uma assimetria nos regimes de reconhecimento.

A integração académica e social deve ser entendida como um processo relacional, que envolve não apenas o cumprimento de requisitos curriculares, mas também a construção de pertença, legitimidade e reconhecimento num espaço que, por vezes, invisibiliza ou marginaliza os saberes e as trajetórias dos estudantes africanos. A literatura tem evidenciado que a ausência de conteúdos curriculares relacionados com África, a escassez de políticas inclusivas e a persistência de estereótipos culturais dificultam a construção de uma experiência académica plena (Silva & Machado, 2023; Doutor, 2024). Neste sentido, a integração não é apenas uma questão de desempenho académico, mas de reconhecimento simbólico e institucional, que envolve disputas por visibilidade, representação e justiça epistémica.

Neste processo, as redes de apoio desempenham um papel central. O capital social mobilizado através de comunidades migrantes, associações estudantis e coletivos culturais constitui um recurso fundamental para enfrentar os desafios da vida académica e quotidiana. Estas redes não apenas oferecem suporte material e emocional, mas também funcionam como espaços de resistência e afirmação identitária, permitindo aos estudantes reconstruir sentidos de pertença e solidariedade em contextos de deslocamento. Como argumenta Santos (2018), a produção de conhecimento em contextos pós-coloniais exige o reconhecimento de outras epistemologias para além daquelas historicamente presentes

[1] No sentido dado a este conceito por Bourdieu (2010 [1979]), isto é, o *habitus* como um conjunto de disposições duráveis e transponíveis, inculcadas ao longo dos processos de socialização, que se traduzem em práticas sociais

no contexto académico europeu, de modo a valorizar saberes e práticas de grupos ou comunidades historicamente marginalizadas.

Por fim, é essencial considerar os projetos de futuro e a capacidade de agência destes estudantes. A decisão de estudar em Portugal está frequentemente associada a expectativas de mobilidade social, valorização profissional e transformação das condições de vida. No entanto, estas expectativas são constantemente reconfiguradas à luz das experiências vividas, dos obstáculos enfrentados e das oportunidades percebidas. A agência manifesta-se na forma como os estudantes constroem estratégias para permanecer, regressar ou circular entre espaços, negociando os seus horizontes de vida num campo marcado por tensões entre estrutura e ação (Caetano, 2016). Neste sentido, a agência pode ser pensada como mola para uma prática situada, orientada por passados incorporados, avaliações presentes e projeções futuras (Emirbayer & Mische, 1998), o que é particularmente útil para compreender os processos de decisão e reconfiguração identitária em contextos de mobilidade académica.

Assim, a análise sociológica das trajetórias dos estudantes guineenses em Portugal deve articular as condições de origem, os processos de integração, as redes de apoio e os projetos de futuro, reconhecendo a complexidade e a singularidade das experiências vividas. Esta abordagem permite compreender os desafios enfrentados e valorizar as estratégias de ação dos sujeitos, as quais podem se traduzir em formas de resistência, adaptação e transformação.

1.5 Educação superior e desigualdades sociais

A análise das experiências de estudantes guineenses em programas de mestrado em Portugal conduz ainda a uma reflexão sobre o papel da educação superior na reprodução e/ou superação das desigualdades sociais. Embora o ensino superior seja frequentemente apresentado como um espaço de oportunidade e mobilidade social, a literatura sociológica tem demostrado que as suas engrenagens podem também funcionar como um mecanismo de reprodução das desigualdades, especialmente para estudantes oriundos de contextos desfavorecidos (Bourdieu & Passeron, 1983; Dubet, 2004).

A literatura sobre desigualdades no ensino superior tem destacado que o sucesso académico não depende apenas do mérito individual, mas está profundamente condicionado pela posse de capitais sociais, económicos e culturais. Estudantes provenientes de meios populares ou de sistemas educativos periféricos enfrentam

frequentemente dificuldades de adaptação aos códigos académicos, à linguagem especializada e às exigências institucionais, mesmo quando já demonstraram capacidade de ultrapassar etapas anteriores do percurso educativo (Charlot, 2000; Machado et al., 2003).

No caso dos estudantes guineenses que acedem ao segundo ciclo de estudos, observa-se uma trajetória marcada por conquistas significativas, como a conclusão da licenciatura, que já representa uma forma de superação de barreiras estruturais. No entanto, o ingresso no mestrado não elimina os desafios associados à origem social, à fragilidade dos sistemas educativos de base e às condições materiais precárias. Pelo contrário, pode intensificar tensões entre expectativas de valorização profissional e obstáculos institucionais, económicos e simbólicos. Neste sentido, o estudo das trajetórias de estudantes guineenses ao nível do mestrado permite explorar uma zona menos investigada da mobilidade académica: aquela que não se limita ao acesso, mas que interroga os processos de permanência, reconhecimento e projeção de futuro em níveis avançados de formação.

Como veremos adiante, para muitos dos estudantes entrevistados, o mestrado em Portugal representa uma etapa estratégica na construção de projetos de vida que envolvem mobilidade social, valorização profissional e, em alguns casos, a possibilidade de permanência em Portugal ou de regresso à Guiné-Bissau com maior capital académico. A análise das suas trajetórias, perceções e expetativas permite, assim, problematizar o papel da educação superior como espaço de negociação entre estrutura e ação, entre constrangimentos e possibilidades, entre desigualdade e transformação.

Por isto, interessa na pesquisa empírica da qual resulta esta dissertação, compreender sujeitos que, apesar das adversidades, conseguiram aceder ao ensino superior e estão a prosseguir os estudos, revelando formas de agência, resiliência e investimento pessoal que merecem ser examinadas sociologicamente.

1.6 Considerações finais

O enquadramento teórico desenvolvido neste capítulo procurou construir uma base analítica sólida para a compreensão sociológica das experiências de estudantes guineenses no ensino superior português, com foco nos programas de mestrado. A partir da revisão da literatura especializada e da mobilização de contributos teóricos relevantes, foram identificadas dimensões estruturantes que permitem situar estas trajetórias num campo marcado por desigualdades, deslocamentos e reconfigurações identitárias.

Num primeiro momento, a contextualização da mobilidade académica no espaço lusófono permitiu compreender os fluxos de estudantes dos PALOP para Portugal como parte de um processo histórico e político mais amplo, atravessado por relações pós-coloniais, políticas de cooperação e assimetrias estruturais. Esta perspetiva revelou que a mobilidade académica não ocorre em condições de neutralidade, mas é mediada por barreiras económicas, burocráticas e simbólicas que afetam o acesso, a permanência e o reconhecimento académico.

Em seguida, a revisão dos estudos empíricos sobre estudantes guineenses em instituições portuguesas evidenciou os principais desafios enfrentados por este grupo: dificuldades de adaptação, ausência de políticas institucionais inclusivas, fragilidade das redes de apoio formal e experiências de invisibilidade cultural. Estes trabalhos também destacaram o papel das redes informais, do associativismo e da agência individual na construção de percursos de pertença e resistência, oferecendo pistas valiosas para a análise das narrativas recolhidas.

A mobilização de conceitos sociológicos, como capital cultural, integração académica e social, capital social e agência, permitiu articular as condições de origem dos estudantes com os seus processos de adaptação e com os seus projetos de futuro. Esta abordagem relacional e dinâmica reconhece tanto os constrangimentos estruturais como as estratégias subjetivas mobilizadas pelos estudantes, valorizando a complexidade das suas trajetórias.

Por fim, a reflexão sobre o papel da educação superior na reprodução das desigualdades sociais permitiu situar este estudo num campo pouco explorado: o das experiências de estudantes africanos que, apesar de contextos socioeconómicos adversos, acedem ao segundo ciclo de estudos. O foco nos estudantes guineenses em programas de mestrado revela trajetórias de superação e investimento académico que desafiam leituras simplificadas sobre mobilidade e integração, contribuindo para uma compreensão mais fina das tensões entre estrutura e ação no espaço académico português.

A articulação entre estes contributos teóricos e os objetivos da investigação é central para a análise empírica que se segue. As dimensões exploradas nas entrevistas, tais como a origem social e familiar, as experiências escolares anteriores, a vivência académica no mestrado, a integração e relações sociais, e perspetivas futuras, foram informadas por este enquadramento conceptual, permitindo uma leitura sociológica das narrativas recolhidas. Assim, o capítulo empírico que se segue após a apresentação da metodologia, procura dar

voz aos estudantes, iluminando as suas experiências concretas à luz das ferramentas analíticas aqui discutidas.

Capítulo 2
Metodologia

2.1 Abordagem metodológica

Este estudo tem como objetivo compreender as trajetórias, experiências e perspetivas de estudantes guineenses que frequentam programas de mestrado em instituições de ensino superior em Portugal. Para tal, adotou-se uma abordagem qualitativa, orientada para a análise aprofundada de narrativas individuais. Esta opção metodológica revelou-se a mais adequada para captar os significados atribuídos pelos próprios estudantes às suas vivências, bem como para explorar as dinâmicas sociais, culturais e institucionais que moldam os seus percursos académicos.

A abordagem qualitativa permite aceder à dimensão subjetiva das experiências, valorizando os sentidos construídos pelos sujeitos em contextos de mobilidade e formação avançada. Ao privilegiar a voz dos estudantes, esta investigação procura compreender não apenas os obstáculos enfrentados, mas também as estratégias de adaptação, os recursos mobilizados e os projetos de vida em construção. Trata-se, portanto, de uma perspetiva interpretativa, centrada na compreensão dos processos sociais a partir das narrativas dos próprios atores.

2.2 Estratégia de recolha de dados

A recolha de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, conduzidas presencialmente entre os meses de março e abril de 2025. A maioria das entrevistas decorreu nas instalações de uma mesma instituição de ensino superior, local de estudo de vários participantes, enquanto outras ocorreram nos bairros de residência dos entrevistados, na cidade de Lisboa. As entrevistas tiveram uma duração média de 60 minutos.

O guião de entrevista, elaborado especificamente para este estudo, foi concebido para garantir uma cobertura sistemática das dimensões relevantes à investigação, sem comprometer a espontaneidade e a profundidade das respostas. A sua estrutura procura refletir a natureza multidimensional da experiência dos estudantes guineenses no ensino

superior português, abrangendo aspetos sociais, académicos, institucionais e subjetivos. As dimensões exploradas estão sintetizadas no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 - Dimensões exploradas no guião de entrevista semiestruturada

Dimensão	Descrição temática
Origem social e contexto familiar	Procura compreender o contexto de partida dos estudantes, incluindo condições socioeconómicas, percursos escolares anteriores e influências familiares no estímulo aos estudos.
Experiências escolares e académicas prévias	Explora o percurso educativo na Guiné-Bissau, identificando desafios, recursos adquiridos e expectativas geradas antes da entrada no ensino superior português.
Razões para estudar em Portugal	Foca-se na experiência concreta nos programas de mestrado, incluindo adaptação curricular, relação com docentes e colegas, e perceção da qualidade do ensino.
Experiência académica no mestrado	Procura mapear as experiências dos estudantes no âmbito do mestrado em Portugal, com atenção às diferenças percebidas, dificuldades linguísticas e metodológicas, e formas de gestão de si próprios face aos recursos utilizados no âmbito do ensino a este nível.
Integração e adaptação	Analisa os processos de inserção social em Portugal, as redes de apoio mobilizadas, os espaços de pertença e os desafios de convivência intercultural.
Relações sociais e comunidade académica	Examina como os estudantes percecionam a sua própria interação com colegas, professores e funcionários, bem como as lógicas de constituição de redes de estudantes guineenses.
Perspetivas futuras	Investiga os projetos de vida dos estudantes, incluindo intenções de regresso, permanência ou circulação, bem como as expectativas profissionais e pessoais associadas à formação.

Fonte: elaboração do autor

Antes do início de cada entrevista, foi apresentado o objetivo do estudo, garantida a confidencialidade das informações e solicitada autorização para gravação. Todos os

participantes assinaram um termo de consentimento informado, em conformidade com os princípios éticos da investigação em ciências sociais.

2.3 Caracterização dos participantes

A seleção dos participantes seguiu critérios de intencionalidade e acessibilidade, tendo como requisitos a nacionalidade guineense, a matrícula ativa num curso de mestrado em Portugal e a disponibilidade para participar no estudo. Esta estratégia permitiu reunir um grupo diversificado de estudantes que, apesar de partilharem um contexto nacional comum, apresentam percursos académicos e sociais distintos.

O grupo final foi composto por 11 estudantes, com idades compreendidas entre os 30 e os 48 anos, refletindo uma faixa etária superior à média dos estudantes de mestrado em Portugal, o que por si só constitui um dado relevante para a análise. Do total, 9 são do sexo masculino e 2 do sexo feminino, o que também aponta para possíveis assimetrias de género no acesso à formação avançada entre estudantes guineenses.

Os participantes frequentavam mestrados em áreas variadas, incluindo Informática e Telecomunicações, Estudos de Desenvolvimento, Administração Escolar, Educação e Sociedade, Estudos Africanos, Antropologia, Sociologia, Ciência Política e Relações Internacionais. Esta diversidade disciplinar enriquece a investigação, permitindo captar diferentes formas de vivência académica e de construção de projetos de futuro, conforme os campos de formação e os interesses individuais.

2.4 Tratamento e análise dos dados

As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes, transcritas integralmente e submetidas a uma análise de conteúdo temática. Esta técnica permitiu identificar regularidades, contrastes e singularidades nas narrativas, organizando os dados em torno de categorias emergentes e previamente definidas, em consonância com os objetivos da investigação.

A análise seguiu uma lógica de leitura vertical, centrada na compreensão aprofundada de cada caso individual, respeitando a complexidade das trajetórias e os sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos às suas experiências. Esta abordagem, inspirada em práticas consolidadas da análise qualitativa (Bardin, 2011), permitiu construir interpretações sociologicamente informadas, articulando os discursos dos participantes com os conceitos teóricos mobilizados no capítulo anterior.

A triangulação entre as dimensões do guião de entrevista, os dados empíricos recolhidos e o enquadramento teórico permitiu garantir a coerência analítica do estudo, valorizando tanto os elementos comuns como as especificidades de cada percurso. O objetivo não foi produzir generalizações estatísticas, mas sim compreender os processos sociais e subjetivos que atravessam as experiências de estudantes guineenses em programas de mestrado em Portugal.

Capítulo 3

Trajetórias e expectativas de estudantes guineenses no ensino superior em Portugal

3.1 Introdução

Este capítulo apresenta a análise empírica das trajetórias, experiências e perspetivas de estudantes guineenses que frequentam programas de mestrado em instituições de ensino superior em Portugal. A partir das entrevistas realizadas, procura-se compreender como estes estudantes constroem os seus percursos académicos e sociais num contexto marcado por deslocações geográficas, desigualdades estruturais e reconfigurações identitárias.

A análise organiza-se em torno de quatro grandes dimensões: (1) as condições sociais e familiares de origem, (2) as experiências escolares e académicas anteriores ao mestrado, (3) a vivência no ensino superior português e (4) as projeções de futuro. Cada uma destas dimensões é explorada com base nas narrativas dos entrevistados, procurando evidenciar tanto os fatores estruturais que moldam os seus percursos como as estratégias individuais mobilizadas para enfrentar os obstáculos e construir projetos de vida.

Ao longo do capítulo, são destacados elementos como a diversidade das condições de partida, os efeitos das desigualdades no acesso à educação, os processos de adaptação ao contexto académico português, as redes de apoio entre estudantes e as diferentes formas de pensar o regresso à Guiné-Bissau ou a continuidade dos estudos. Através desta abordagem, pretende-se contribuir para uma compreensão sociológica das dinâmicas de mobilidade académica e das experiências de estudantes oriundos de contextos historicamente periféricos no espaço lusófono, valorizando a articulação entre estrutura e agência.

3.2 Origem social e familiar: condições de partida e estímulo ao estudo

Embora os estudantes entrevistados partilhem a mesma nacionalidade e estejam atualmente matriculados em programas de mestrado, as suas condições de partida revelam uma significativa heterogeneidade social e familiar. A análise das suas origens permite desconstruir a ideia de um grupo homogéneo, frequentemente associada aos estudantes

guineenses, e evidenciar a diversidade de trajetórias que compõem este segmento da mobilidade académica.

Entre os entrevistados, identificam-se situações marcadas por forte restrição socioeconómica, com pais sem escolaridade formal e inseridos em atividades rurais, mas também casos de maior estabilidade financeira e escolaridade intermédia. Esta diversidade é visível na Tabela 1, que apresenta as habilitações e profissões dos pais e mães dos participantes.

Tabela 1 – Nível de escolaridade e profissão dos pais dos entrevistados

ID	Pai		Mãe	
	Habilitações	**Profissão**	**Habilitações**	**Profissão**
E1	Médio	Professor	Não Estudou	Dona de Casa
E2	Superior	Professor	11º Ano	Professora
E3	Não Estudou	Lavrador	Não Estudou	Dona de Casa
E4	4ª Classe do Ensino Básico	Condutor	4ª Classe do Ensino Básico	Dona de Casa
E5	Não Estudou	Lavrador	Não Estudou	Lavradora
E6	4ª Classe do ensino Básico	Comerciante	Não estudou	Dona de Casa
E7	4ª Classe do Ensino Básico	Lavrador	Não estudou	Dona de Casa
E8	4ª Classe do Ensino Básico	Diretor de Seguros	Não Estudou	Dona de Casa
E9	4ª Classe do Ensino Básico	Marinheiro	Não Estudou	Dona de Casa
E10	1ª Classe/1ºano	Lavrador	Não estudou	Dona de Casa
E11	Médio	Mecânico	Superior	Enfermeira

Fonte: Elaboração do autor

Na Tabela 1 anterior apresentamos o grau de escolaridade e a profissão do pai e da mãe dos nossos entrevistados. Os dados revelam que, na maioria dos casos, os pais possuem níveis de escolaridade superiores aos das mães, refletindo desigualdades de

género históricas no acesso à educação na Guiné-Bissau. Mais especificamente, nota-se que há casos em que a escolaridade é diferente entre o pai e a mãe de um mesmo indivíduo. Na maioria das situações, nota-se que os pais são mais escolarizados do que as mães (cf. E1, E2, E6, E7, E8, E9 e E10). Identifica-se também contextos mais vulneráveis, E3 e E5, em que tanto o pai quanto a mãe não puderam frequentar a escola, e ainda desempenham atividades de trabalho em zonas rurais. Há apenas uma mãe com ensino superior (E11). Um dado significativo é constatado ao ser comparado o conjunto dos pais e das mães, uma vez que isso revela uma maior diversidade de níveis de habilitações no grupo dos pais do que no das mães. Entre as progenitoras, é mais frequente a ausência de estudos (em oito dos onze casos), o que ocorre em função dos constrangimentos que marcaram a escolarização das mulheres na Guiné-Bissau, no passado, hoje mais tênue.

Apesar destas diferenças, pode parecer que os pais (pai e mãe), na generalidade, têm níveis de habilitações baixos – apenas um pai e uma mãe têm formação ao nível do ensino superior. É preciso considerar, entretanto, o contexto específico da Guiné-Bissau para compreender o significado de alguns destes níveis de escolaridade. Por exemplo, a 4ªclasse, embora seja um grau objetivamente baixo de habilitações, na verdade, no contexto da época colonial, período em que muitos dos pais acima caracterizados eram jovens, representa uma situação "privilegiada" em termos de aquisição de educação formal. Quem conseguia alcançar este nível educacional eram pessoas frequentemente pertencentes a uma condição de classe. Durante o regime colonial, o sistema de hierarquia social imposto pelos colonizadores atribuía a pessoas com a 4ª Classe posições sociais que lhes permitiam ocupar altas funções na estrutura da administração pública no país. A perceção que os próprios entrevistados têm das condições educacionais que marcam a sua família revela alguns dos significados da aquisição destes níveis de habilitações. Sobre este aspeto:

> "Bem, meu pai não tem nível elevado dada a circunstância do país no momento, porque, ele tem "dito" 4ª classe, mas tinha responsabilidades porque, ele é diretor de seguros de Bafatá, até a altura da sua morte". (E8, Homem, 40 anos, Estudante do Mestrado em Estudos e Desenvolvimento)

> "Pois [risos], na verdade como eu disse meus pais não são académicos, ou seja, não foram à escola, meu pai disse-me que queria ir tanto a escola, mas a circunstância e a sociedade onde ele vivia, ou seja meu pai era da "tabanca", então não era fácil para ele, mesmo que tentasse não iam permitir, porque tens de ir praticar a agricultura e cuidar de campo". (E5, Homem de 41 anos, Estudante do Mestrado em Ciência Política)

Apesar das condições frágeis que marcam os percursos escolares dos pais, os indivíduos que são o centro deste estudo possuem percursos ao nível do ensino superior. Isto quer dizer que mesmo em condições sociais de partida em que a universidade não era parte do campo de possibilidades de futuro, estes indivíduos tiveram a oportunidade de seguir mais adiante do que seus pais em termos de formação escolar e académica. Isto não ocorreu por acaso, mas há múltiplos fatores que podem ter condicionado e contribuído para que estes estudantes dessem continuidade aos estudos, de modo que agora estejam a realizar um mestrado em Portugal.

No que respeita aos estímulos para os estudos, as opiniões entre os entrevistados diferem-se, uma vez que cada caso tem experiências singulares que marcam a sua trajetória. Apesar de a maioria afirmar que são estimulados por parte dos pais, alguns afirmaram que tiveram influência de outros membros da família, como um tio, uma avó e outros que participaram da sua socialização familiar:

> "Sim, porque, meu pai não tem nível de escolaridade, mas tinha uma visão demais porque, sempre optava para educação, sobretudo para as meninas, ele tinha a visão de que a escola não é somente para os homens, sempre devemos tratar as pessoas com a igualdade de oportunidades para ambos" (E10, Mulher, 32 anos, Mestrado em estudos africanos).

> "Ah, pois sobretudo por parte do meu avô, graças a ele ensinou-me, eu tive que iniciar a escola já na 2ªclasse, não na 1ª classe, ele serviu de espécie de um professor para mim em casa, porque, ele acreditou que se ele não tivesse a chance de chegar onde que ele almejava chegar, de certa forma eu enquanto neto, poderei chegar ali, e graças a ele não passei no processo básico de primeiro ano de escolaridade, fui direto para 2ºano de escolaridade, foi graças a ele já aprendi ler e escrever e fazer algumas matemáticas." (E6, Homem, 30 anos, Mestrado em estudos de desenvolvimento).

3.3 Experiências escolares e académicas anteriores ao mestrado (trajetória escolar e académica antes do mestrado)

No âmbito deste ponto pretendemos analisar questões relacionados a trajetória escolar que marca a fase anterior ao percurso académico dos estudantes guineenses entrevistados.

As trajetórias destes estudantes foram marcadas por vários desafios devido ao sistema do ensino em seu país de origem. O contexto educacional da Guiné-Bissau, nomeadamente das escolas públicas, foi marcado nos últimos anos por recorrentes greves, provocadas por falta de pagamentos de salários aos professores e pela exigência por

melhores condições do trabalho, e falta de professores e das infraestruturas escolares, com maior ou menor incidência em determinadas zonas e regiões do país.

A maioria dos nossos entrevistados diz nunca ter frequentado a educação pré-escolar, a maior parte admitiram que isto está relacionada à falta de condição económica e financeira dos pais, e há quem diga que na altura não existia, onde viviam, a oferta de educação pré-escolar. Como descreve um estudante do Mestrado em Administração Escolar:

> "Nasci numa família pobre, segundo a nossa realidade guineense, uma família cristã católica, eh… meu pai é professor, sabemos qual é a situação económica do professor na Guiné. A minha mãe é doméstica, nasci numa comunidade rural e nunca frequentei jardim de infância porque na altura não existia, logo iniciei no 1ºano, que é a primeira classe. Quando terminei 9º ano não havia possibilidade de eu puder continuar a estudar, porque não havia níveis de 10º, 11º e 12º anos na cidade onde eu vivia. Fui obrigado a deslocar à Bissau, para frequentar aqueles níveis". (E1, Homem, de 48 anos, Mestrado em Administração Escolar.)

Este caso, revela que, mesmo quando se é membro de uma família cujo pai é professor, ou seja, um profissional da área da educação, o acesso à escola e aos seus diferentes níveis de ensino, não está garantido, especialmente nas zonas fora da cidade. Para dar continuidade aos estudos, este indivíduo teve de sair da sua casa materna ainda muito jovem, indo para outra cidade viver com outros familiares. Este esforço familiar, tanto emocional quanto financeiro, propiciou as condições para que este entrevistado pudesse seguir para níveis mais elevados da educação escolar, o ensino secundário, e, em seguida, pudesse avançar para os estudos universitários.

Outro estudante, acrescenta que, não obstante as dificuldades de acesso à educação mencionados pelo caso anterior, há contextos em que as condições de vida obrigam a interromper os estudos mesmo quando se há interesse em fazer uma licenciatura.

> "Depois de terminar o liceu, fiz vários anos sem estudar devido às condições financeiras, até aparecer uma oportunidade por parte do meu tio, que decidiu apoiar-me e colocou-me na universidade. Mas, havia várias dificuldades porque, meu tio, não continua a custear, como já iniciei o curso, então fiquei com esse espírito do estudo, mas isso foi difícil para mim… fui obrigado a criar e a vender coelhos para custear os restantes do curso". (E8, Homem de 40 anos, Mestrado de Estudos e Desenvolvimento.)

O perfil dos estudantes guineenses que optam por estudar no ensino superior em Portugal é marcado pela diversidade em termos de faixa etária e na maior parte são jovens, e são de modo frequente originários de famílias de classe média ou trabalhadora. Em sua maioria, estes estudantes vêm de instituições de ensino secundário e superior da Guiné-Bissau – com a exceção de dois casos, um que concluiu a sua frequência da licenciatura entre duas universidades públicas portuguesas, e outro que passa pela frequência de uma licenciatura em uma universidade na Rússia. Entre os estudantes de mestrado entrevistados, os graus académicos ao nível do 1º ciclo foram obtidos em universidades ou faculdades guineenses e decidiram dar continuidade aos estudos académicos no ensino superior português.

A Tabela 2 a seguir apresenta os cursos de licenciatura dos entrevistados e o país em que obtiveram este grau:

Tabela 2 – Licenciatura e país de obtenção do respetivo grau académico

ID	Licenciatura	País
E1	Ciências da Educação	Guiné-Bissau
E2	Estudos africanos	Portugal
E3	Engenharia Informática	Rússia
E4	Ciência do Mar e Ambiente	Guiné-Bissau
E5	Ciência Política e Relações Internacionais	Guiné-Bissau
E6	Administração e Gestão de Recursos Humanos	Guiné-Bissau
E7	Administração Pública e Economia Social	Guiné-Bissau
E8	Serviço Social	Guiné-Bissau
E9	Ciências de Educação	Guiné-Bissau
E10	Educação Básica	Guiné-Bissau
E11	Sociologia	Guiné-Bissau

Fonte: elaboração própria

Há vários estudos e atores dedicados as razões dos prosseguimentos dos estudos por parte dos estudantes oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) para uma instituição do ensino superior (IES) portuguesa (Seabra & Marques, 2016, Wilson Cá 2015, Doutor & Alves, 2013).

Segundo as entrevistas, a vinda a Portugal baseia-se sobretudo por motivos de estudo, mas a maior parte destes inquiridos revelaram já terem algum membro da família a viver no país. Isto não quer dizer que as razões de virem para Portugal sejam diferentes daquela que declaram. Ao contrário, significa que a motivação declarada dá lugar a uma realidade possível justamente por terem consciência de que há no país alguma rede de apoio familiar que pode ser acionada durante o período em que concretiza os seus objetivos: adquirir uma formação mais avançada em termos académicos e profissionais.

A grande parte dos nossos entrevistados têm acesso à instituição do ensino superior (IES) portuguesa, através das candidaturas abertas em diferentes universidades portuguesas, a partir do país de origem, com a exceção de dois, um que beneficia de uma bolsa de estudos concedida através do concurso de um centro de investigação da Universidade de Coimbra, e a outro por via dos exames nacionais de acesso ao ensino superior em Portugal.

Entre essas razões apontadas, destacam-se o acesso através de acordos de cooperação entre Portugal e PALOP assim como os mecanismos promovidos pela iniciativa privada, como a possibilidade de obtenção de uma bolsa de estudos em Portugal. Outras razões apontadas prende-se sobretudo com o interesse dos estudantes dos PALOP por cursos que não são administrados nas universidades dos países de origem, neste caso particular a Guiné-Bissau, que até agora não possui cursos para o 2º e 3º ciclo e especializações em diversas áreas nas diferentes universidades do país. A qualidade das universidades e do ensino, o reconhecimento internacional, os custos dos cursos e o prestígio do diploma obtido em Portugal no mercado do trabalho, sobretudo na Guiné-Bissau, atraem os estudantes universitários para o país. Por outro lado, os entrevistados apontam ainda a língua de colonização, a presença de familiares e rede de amigos, laços históricos e culturais entre os dois países são algumas das razões apontadas para prosseguir com estudos superiores em Portugal. Há ainda outros que apontam a localização de Portugal e a distância geográfica face à Guiné-Bissau como fatores atrativos, uma vez que torna mais rápido o deslocamento pela via aérea.

> "Eh… por um lado, conhecimento da realidade, eu fiz a minha licenciatura entre duas faculdades em Lisboa. Concluí a minha licenciatura em 2012, e em 2014 decidi voltar. Estive a trabalhar durante dez anos, na Guiné-Bissau, e decidi agora em 2024, voltar para prosseguir com mestrado em Lisboa…. Então, já conhecia a realidade da instituição e a confiança também na instituição. Por outro lado, também, estar perto da família, tenho cá a minha companheira e duas filhas, a minha mãe, meus irmãos, só eu que tinha decidido voltar à Guiné-Bissau. Então, achei que a família estava a precisar de mim, para fazer um bocadinho esse equilíbrio decidi juntar o útil ao agradável, estar perto da família e fazer mestrado, conhecendo já a realidade da instituição." (E2, Homem 38 anos, mestrado em estudos de desenvolvimento).

> "Estou aqui através do centro de estudos sociais da universidade de Coimbra, que lançou concurso para bolsa de estudos e pesquisa, para mestrado em antropologia e investigador do centro, então é nessa ótica que consegui-me beneficiar dessa bolsa que me deu a oportunidade de vir cá a estudar o meu mestrado, e também como investigador do centro de estudos sociais da universidade de Coimbra" (E4, Homem, 41 anos Mestrado em antropologia).

3.4 Experiência académica no mestrado em Portugal

As experiências académicas dos estudantes guineenses ao nível de programas de mestrado em Portugal revelam-se diversas, oscilando entre perceções de facilidade e desafios significativos. Para alguns, esta etapa ocorre de maneira relativamente tranquila, mas, para outros, representa um percurso exigente desde a chegada, que se dá frequentemente de forma tardia, até à conclusão do curso.

De acordo com os estudantes entrevistados, há uma perceção generalizada de que existem diferenças marcantes entre o ensino superior em Portugal e na Guiné-Bissau, tanto ao nível do sistema educativo como nos aspetos funcionais e estruturais. Um dos principais desafios apontados por muitos entrevistados prende-se com a língua portuguesa. Embora seja a língua oficial de ambos os países, a maioria dos estudantes referiu dificuldades relacionadas com a linguagem académica, sobretudo no que diz respeito à articulação e ao vocabulário técnico, influenciadas pelo contexto linguístico de origem, onde o crioulo é predominante.

Contudo, nem todos partilharam dessa dificuldade. Dois casos destacam-se por não terem sentido obstáculos linguísticos. Um dos estudantes atribui essa facilidade ao facto de ter realizado todo o seu percurso formativo, tanto em uma parte da fase escolar quanto na licenciatura, dentro do sistema de ensino português. O outro frequentou uma escola

católica portuguesa na Guiné-Bissau, com currículo e professores portugueses ou de nacionalidade guineense com formação em língua portuguesa ao nível da licenciatura, o que lhe proporcionou uma preparação mais sólida nesse domínio. Ainda assim, estes casos são exceções e não refletem a realidade da maioria.

> "Sim, sabes que a nossa língua é crioula, é a língua que nos 'mamamos' e falamos à vontade, então qualquer língua diferente da língua crioula é sempre um handicap, tendo em conta as questões de fonética. Então precisas de tempo e prestar muita atenção em tudo que vais fazer, será de uma forma redobrada." (E4, Homem, 41 anos, Mestrado em Antropologia)

Para além das questões linguísticas no contexto académico, procurou-se compreender as dificuldades relacionadas com as metodologias de ensino e avaliação utilizadas na instituição. As opiniões divergem entre os entrevistados: alguns estudantes consideram estas metodologias mais acessíveis e eficazes do que as praticadas na Guiné-Bissau, destacando a valorização do trabalho em grupo, das apresentações orais e da produção científica, sobretudo quando oferecem um espaço de tempo para a reflexão e ponderação sobre o que escrever e apresentar à unidade curricular. Outros, no entanto, referem dificuldades, sobretudo na estruturação dos trabalhos académicos, pois exige o recurso à formatação através de programas informáticos com os quais, por vezes, não possuem familiaridade, e na adaptação às exigências metodológicas.

> "Não, para mim, como eles fazem a avaliação não senti grandes dificuldades. Mesmo o método utilizado é mais fácil em relação ao meu país, o método que eles usam aqui… ajuda bastante. Fazem trabalhos de grupo, fazem apresentações e depois aquela parte de trabalho científico. Isso ajudou-me bastante, gostei. São as experiências que devemos levar para o nosso país, para mudar algo quanto à metodologia [de avaliação]. Para mim, não senti que é difícil, ajuda mesmo o aluno". (E1, Homem, 48 anos Mestrado em Administração Escolar).

> "Ah, relativamente à metodologia do ensino, não tive tantas dificuldades, porque… depois da minha formação, não parei por lá. Eu tinha participado em alguns cursos intensivos e um desses cursos foi sobre as normas APA, dado por uma professora portuguesa, e sobre a forma de escrever um artigo científico. Então, cheguei aqui e vi que a universidade trabalha com a norma APA. A metodologia que aprendi nos cursos intensivos é idêntica à forma de avaliação. Já tinha domínio da norma APA desde a Guiné, e com a experiência com colegas e espírito de ajuda, por isso, não tive tantas dificuldades." (E11, Homem, 42 anos, Mestrado em Sociologia)

Em suma, a experiência académica dos estudantes guineenses em Portugal é marcada por uma diversidade de trajetórias e perceções. A língua portuguesa, apesar de ser o idioma oficial, constitui um dos principais desafios, sobretudo no registo académico. As metodologias de ensino e avaliação, por sua vez, são vistas por alguns como facilitadoras e inovadoras, enquanto para outros representam um obstáculo adicional à integração académica.

3.4.1 Integração e Adaptação

Chegar a um novo país para estudar representa mergulhar num universo cultural, social e institucional muitas vezes desconhecido. Para os estudantes guineenses em Portugal, a adaptação não se limita ao ambiente académico, estendendo-se à vida quotidiana, às relações interpessoais e aos desafios burocráticos. As suas experiências revelam um percurso de integração marcado por contrastes, onde o entusiasmo pela formação se cruza com obstáculos práticos e emocionais que exigem resiliência e apoio.

A primeira barreira com que muitos estudantes se deparam ao chegar a Portugal é a burocracia. A obtenção de documentos essenciais, como o título de residência ou o número de segurança social, é frequentemente descrita como um processo lento, confuso e, por vezes, injusto. Alguns estudantes relataram ter recorrido a intermediários e até pago por documentos que, legalmente, são gratuitos, o que se torna uma realidade que revela a vulnerabilidade em que muitos se encontram nos primeiros momentos em que chegam ao país.

> "Na verdade, a parte documental todos nós sabemos que é difícil. Até agora não tenho título de residência. Aliás, recorri à residência CPLP, que agora está extinta, e ainda não tenho residência. Mas é um direito que me assiste enquanto estudante. Em relação aos outros documentos, já tenho, mas o número de segurança social também não foi fácil. Tive de recorrer a terceiros para obter esse documento e paguei por algo que não é pago. Não posso andar aqui sem documentos, ou seja, circular ilegalmente em Portugal. Lembro que paguei 250€ por esse número." (E9, Homem,38 anos mestrando em Educação e Sociedade).

A dificuldade em aceder ao mercado de trabalho é outro desafio recorrente. A maioria dos estudantes entrevistados referiu que, mesmo quando conseguem emprego, este é frequentemente precário, mal remunerado e em áreas que não correspondem à sua formação ou ambições. A falta de documentos legais, de informação sobre os direitos

laborais e de oportunidades compatíveis com o seu perfil académico obriga-os a aceitar trabalhos em setores como a construção civil, a limpeza ou a segurança privada, muitas vezes em condições que não permitem cobrir as despesas básicas do quotidiano.

A questão da habitação agrava ainda mais este cenário. A escassez de quartos disponíveis e os preços elevados tornam o acesso a uma moradia digna um verdadeiro obstáculo. Muitos estudantes expressaram frustração com a falta de apoio institucional neste domínio e apelaram à criação de soluções de alojamento estudantil acessível, especialmente para quem chega do estrangeiro sem rede de apoio.

Desta forma, conciliar trabalho, estudos e, em alguns casos, responsabilidades familiares, é uma tarefa exigente. Vários estudantes relataram sentir-se sobrecarregados, com dificuldades em acompanhar o ritmo das aulas e em manter o equilíbrio entre as diferentes esferas da vida.

No contexto universitário, as experiências de integração são diversas. Alguns estudantes referiram uma adaptação relativamente tranquila, facilitada pelo apoio de colegas, sobretudo conterrâneos, e por experiências anteriores no sistema educativo português. Outros, no entanto, sentiram-se desorientados e isolados, especialmente no início do curso, devido à falta de informação e de mecanismos de acolhimento eficazes.

As relações com colegas de outras nacionalidades, em particular com estudantes portugueses, foram apontadas como um dos aspetos mais sensíveis. Muitos entrevistados relataram dificuldades de interação, referindo que os estudantes portugueses tendem a formar grupos fechados e pouco inclusivos. Foram também mencionadas situações de discriminação subtil, como a desvalorização de opiniões ou comentários jocosos sobre erros linguísticos.

> "Não sei como a universidade poderia melhorar esse aspeto. É que, se os professores pudessem misturar as pessoas de diferentes comunidades… porque acontece que, no momento de formação de grupos, os portugueses vão para um lado e os africanos para outro. Salvo erro, só quando já não têm outra opção é que escolhem um africano. Mas existem professores que promovem a interculturalidade. Foi nesse contexto que tive a oportunidade de trabalhar com estudantes que não são guineenses. As pessoas têm tendência a serem comunitárias: os portugueses ficam numa zona, os africanos noutra. Existe um tipo de preconceito que não é tão visível, mas que está presente na universidade." (E11, Homem, 41 anos, mestrando em Sociologia)

Relativamente ao apoio institucional, procuramos perceber dos nossos entrevistados se estes reconhecem ter recebido algum tipo de assistência e em que medida estão ou não

satisfeitos com esses apoios. Enquanto alguns consideram os apoios positivos ou razoáveis, outros apontam falhas significativas, sobretudo no que toca ao apoio financeiro e ao acesso à habitação. A ausência de medidas eficazes de acolhimento e integração é vista como um fator que agrava as dificuldades já existentes.

> "Primeiro dia que eu tive contacto com a instituição de ensino superior, encontrei maltas aqui a fazer manifestação, sobretudo ligada ao apoio institucional. Eu tive de participar, porque mesmo não estudando já dava para perceber que não tem e não terei. Acho que é complicado. Imagine, ultimamente temos vindo com visto de estudante, sem marcação. A universidade devia jogar um papel muito importante, porque com o título de residência podemos trabalhar para suprir as necessidades. Mas a universidade acabou por adotar um mecanismo de má exclusão: enquanto não amortizarmos as dívidas, não liberam as declarações. Essa burocracia complica-nos ainda mais." (E8, Homem, 31 anos, Mestrando em Estudos de Desenvolvimento)

Por fim, muitos estudantes relataram sentimentos de ansiedade e insegurança nos primeiros dias de aulas, marcados pelo desconhecimento do funcionamento da universidade, das regras, dos horários e dos espaços. A ausência de uma orientação clara no início do percurso académico contribui para um sentimento de desamparo que, em alguns casos, se prolonga ao longo do curso. Para além disso, a falta de apoio institucional em áreas essenciais como o alojamento é sentida de forma particularmente dura por quem chega sem rede familiar ou comunitária de suporte. O apelo à empatia e à ação por parte das instituições é claro nas palavras de uma das entrevistadas:

> "Por favor, ajudem os africanos, sobretudo os guineenses. O maior problema que enfrentamos é da residência para estudantes. Mesmo que seja a um preço acessível, devem ser garantidos, porque não é todo mundo que vive em África e sai que tem família aqui. Mas procurar conhecimento não é em família que se busca, mas sim pessoalmente, e depois multiplica-se." (Mulher, 32 anos, Mestranda em Estudos Africanos)

Este apelo sintetiza não apenas as dificuldades práticas enfrentadas pelos estudantes guineenses, mas também a dimensão emocional do processo de adaptação. A busca pelo conhecimento, feita muitas vezes em solidão e com recursos limitados, exige não só resiliência individual, mas também estruturas de apoio que promovam a inclusão e o bem-estar. Neste contexto, a forma como os estudantes se relacionam com os outros, dentro e fora da universidade, torna-se um fator determinante para o sucesso da sua integração. É

precisamente essa dimensão relacional que exploramos na secção seguinte, dedicada às relações sociais e à vivência na comunidade académica.

3.4.2 Relações Sociais e Comunidade Académica

As experiências dos estudantes guineenses no ensino superior em Portugal, no que diz respeito às relações sociais e à vivência na comunidade académica, podem ser analisadas a partir de três eixos principais: as relações com professores e funcionários da instituição; as dinâmicas de convivência entre estudantes guineenses; e a participação em estruturas associativas e redes de apoio comunitário.

A maioria dos estudantes entrevistados relata manter boas relações com os professores, destacando a acessibilidade, a disponibilidade para esclarecimentos e o apoio prestado ao longo do curso. Mesmo quando a chegada ao curso ocorreu fora do calendário letivo, os docentes foram, em geral, descritos como acolhedores e compreensivos.

> "A minha relação, aqui, com professores foi muito boa com a maioria, dependendo das características. Estão sempre disponíveis para esclarecer dúvidas. Basta enviar um e-mail e agendar uma reunião. Por outra parte, agradeço a simpatia demonstrada ao longo do curso." (E9, Homem, 38 anos, mestrando em Educação e Sociedade).

Estas relações com os docentes funcionam, para muitos, como um importante recurso de integração simbólica, contribuindo para o sentimento de pertença e para o sucesso académico.

Por outro lado, as interações com os funcionários da instituição revelam experiências mais ambíguas. Embora alguns estudantes as descrevam como positivas, outros relatam episódios de desvalorização ou tratamento discriminatório, que geram constrangimento e reforçam sentimentos de exclusão.

> "Eu estava a pedir informações a uma senhora funcionária, porque não tinha percebido como usar a caixa automática. Ela não se designou a passar-me as informações e assim fiquei constrangido. Ela ficou a rir e depois saiu de lá. Acho que isso é uma forma que, às vezes, acontece aqui." (E7, Homem, 38 anos, mestrando em Estudos de desenvolvimento)

Estes episódios podem ser interpretados como manifestações de preconceito subtil ou microagressões, que, embora não explícitas, afetam a experiência de integração institucional.

As relações entre estudantes guineenses em Portugal são, em geral, descritas como solidárias e marcadas por laços de confiança e entreajuda. Muitos entrevistados referem que a convivência entre conterrâneos reproduz, em certa medida, os vínculos sociais e culturais do país de origem, funcionando como uma rede de apoio informal essencial para enfrentar os desafios da vida académica e quotidiana.

> "Sim, há uma comunidade guineense. A relação [entre os membros] da comunidade guineense existe sempre, espírito de solidariedade invejável. Dá para notar um espírito de entreajuda. [Quando um tem] problema, se um se preocupa, as pessoas ajudam na medida do possível. Na integração, mesmo em caso de dúvida, colegas tentam dar seu máximo para puder esclarecer aquela dúvida, e assim sucessivamente. Os guineenses são um povo acolhedor e hospitaleiro, as pessoas fazem tudo na medida de possível para ajudar, relativamente a isso não tenho nada par queixar." (E11, Homem 42 anos, mestrando em Sociologia)

Este tipo de relação pode ser compreendido à luz do conceito de capital social, na medida em que os estudantes mobilizam redes de apoio baseadas na confiança mútua e na partilha de experiências comuns.

Vários estudantes referem a sua participação na Associação de Estudantes Guineenses em Lisboa (AEGBL), destacando o papel da organização no acolhimento de novos estudantes, na promoção de atividades culturais e educativas, e na ligação com a Guiné-Bissau. A associação é vista, por alguns, como um espaço de representação e de construção coletiva da identidade diaspórica.

Contudo, nem todos os estudantes se sentem representados ou integrados na AEGBL. Alguns apontam fatores como a falta de diálogo, a presença de grupos dominantes, a dificuldade em conciliar a vida académica com a participação associativa, ou ainda uma perceção de perda de legitimidade da organização.

No caso específico da instituição superior a que os entrevistados estão vinculados, reconhecem a existência de uma comunidade guineense significativa, mas consideram que esta carece de maior organização. A maioria defende a criação de um núcleo formal de estudantes guineenses na instituição, com o objetivo de facilitar a integração dos recém-chegados e promover iniciativas de apoio mútuo.

> "Tive já a divertir com colegas em que chegamos a conclusão de que a nossa instituição parece é mais direcionado para os guineenses, vejo que guineenses se sente mais à vontade aqui. Há uma comunidade porque referencia vários quadros jovens guineenses com mestrado e doutoramento passaram pela esta

> instituição razão pela qual inspiram outros jovens a vir mais é uma instituição acho com mais guineenses." (E6, Homem, 31anos, mestrando em Estudos de Desenvolvimento)

3.5 Perspetivas futuras

As perspetivas futuras dos estudantes guineenses que frequentam mestrados em Portugal revelam uma diversidade de intenções e motivações, refletindo tanto os desafios enfrentados durante a formação como os compromissos pessoais e profissionais com o país de origem. A maioria dos entrevistados manifesta o desejo de regressar à Guiné-Bissau após a conclusão do mestrado, com o objetivo de aplicar os conhecimentos adquiridos e contribuir para o desenvolvimento nacional.

Este desejo de retorno está frequentemente ancorado num sentido de responsabilidade social e numa ligação profunda com o país. Muitos dos entrevistados já exerciam funções em setores estratégicos da administração pública e privada, antes de virem estudar para Portugal, nomeadamente nas áreas da educação, da saúde e da consultoria. Assim, o regresso é visto não apenas como uma continuidade "natural" do percurso profissional, mas também como um dever cívico.

> "É um fato certíssimo, praticamente consumado. É uma decisão tomada antes da licenciatura. A minha ida de férias à Bissau, pela primeira vez, conclui a licenciatura, voltei de imediato, estive lá a trabalhar durante dez anos. Voltei agora por razões familiares, sobretudo, mas também decidi fazer já mestrado." (E2, Homem, 38 anos, Mestrando em Estudos Africanos)

Para alguns, o regresso imediato está associado à vontade de iniciar projetos sociais, sobretudo na área da educação, aproveitando as experiências e competências adquiridas em Portugal. Outros destacam a importância de estar junto da família, após um período de afastamento, como fator determinante para o regresso.

> "Sim, isto é, o plano inicial. Não sei o que o futuro dirá, mas o meu primeiro objetivo é regressar assim que terminar o mestrado, para continuar a dar a minha contribuição no meu país. Depois vamos ver o que vai acontecer mais à frente, se há formas de continuar estudos de doutoramento. Mas o ideal e a minha primeira ideia é terminar e voltar para o país." (E7, Homem, 39 anos, Mestrando em Estudos de Desenvolvimento)

Por outro lado, há estudantes que preferem permanecer em Portugal por mais algum tempo, com o intuito de aprofundar os seus conhecimentos e experiências antes de regressar. Para estes, o regresso não é descartado, mas adiado, numa lógica de maximização do investimento académico e pessoal. Dois entrevistados manifestaram, inclusive, a intenção de prosseguir para o doutoramento em Portugal, antes de regressarem à Guiné-Bissau.

Independentemente do momento do regresso, muitos reconhecem que o diploma obtido em Portugal, aliado às competências desenvolvidas, poderá facilitar a reintegração no mercado de trabalho guineense. A formação em contexto europeu é valorizada não apenas pelo seu prestígio, mas também pela capacidade de transformar a forma de pensar, de intervir e de comunicar.

> "Por enquanto estou a estudar e não vejo os efeitos por imediato, mas no futuro isso ajuda a fortalecer-me como sendo um profissional com mais qualidade, enfrentando o mercado que é desafiador e que vai ter impacto mesmo fora de Portugal. Não vou precisar de fazer a equivalência relativamente ao meu certificado, porque já tenho um que é válido por esses países. É mais válido em termos profissionais e que no futuro poderá trazer benefícios para mim e dando a minha contribuição na medida do possível." (E11, Homem, 42 anos, Mestrando em Sociologia)

> "Tem grande impacto, porque estudar numa realidade diferente não só vais poder aproveitar daquilo que é conhecimento técnico-científico, mas também da componente cultural-social, com a capacidade de analisar diferentes situações em diferentes contextos." (E3, Mulher, 33 anos, Mestranda em Informática e Telecomunicações)

Ainda que a maioria reconheça já sentir os efeitos positivos da formação, há quem prefira adotar uma postura mais cautelosa, sublinhando que o verdadeiro impacto só poderá ser avaliado com o tempo e em função da dinâmica individual de cada percurso.

Em síntese, as perspetivas futuras dos estudantes guineenses em Portugal oscilam entre o regresso imediato, o prolongamento da estadia para fins académicos ou profissionais, e a valorização da experiência como um capital transformador. Em todos os casos, permanece um elo forte com a Guiné-Bissau e o desejo de contribuir, de forma direta ou indireta, para o seu progresso.

Considerações finais

Esta dissertação procurou compreender sociologicamente as trajetórias, experiências e perspetivas de estudantes guineenses que frequentam programas de mestrado em instituições de ensino superior em Portugal. A investigação centrou-se num grupo de estudantes que, apesar de provenirem de contextos socioeconómicos adversos, conseguiram concluir a licenciatura e prosseguir para o segundo ciclo de estudos, revelando percursos marcados por esforço, resiliência e investimento pessoal.

A análise empírica desenvolveu-se em torno de quatro dimensões principais, que permitiram estruturar a leitura das narrativas recolhidas: origem social e familiar, experiências escolares anteriores, vivência académica no mestrado e perspetivas futuras.

Na primeira dimensão, constatou-se que os estudantes entrevistados apresentam condições de partida bastante diversas, contrariando a ideia de homogeneidade frequentemente associada aos estudantes guineenses. As diferenças nas habilitações e profissões dos pais, bem como nas condições materiais e simbólicas de origem, revelam que a mobilidade académica internacional é atravessada por desigualdades internas ao próprio grupo. Ainda assim, em vários casos, identificou-se a presença de estímulos familiares à valorização da educação, mesmo em contextos de baixa escolarização formal.

A segunda dimensão evidenciou os desafios enfrentados no percurso escolar anterior ao mestrado, marcados pelas fragilidades do sistema educativo guineense — como greves recorrentes, falta de infraestruturas e escassez de professores — e pelas limitações económicas das famílias. Estes obstáculos condicionaram o acesso à educação, obrigando muitos estudantes a interromper os estudos ou a recorrer a estratégias alternativas para garantir a continuidade, como o apoio de familiares ou atividades informais de subsistência.

Na terceira dimensão, foram analisadas as experiências académicas dos estudantes em Portugal, revelando uma convivência entre oportunidades e dificuldades. A adaptação ao contexto académico português envolve desafios institucionais, culturais e financeiros, que podem afetar o desempenho e o bem-estar dos estudantes. Ao mesmo tempo, a presença de redes de apoio familiares, associativas e comunitárias desempenha um papel fundamental na construção de percursos de pertença e sucesso.

Por fim, a quarta dimensão abordou as perspetivas futuras dos estudantes, que oscilam entre o desejo de regresso à Guiné-Bissau, a continuidade dos estudos em Portugal e a valorização da experiência académica como capital transformador. A maioria

manifesta a intenção de regressar ao país de origem, motivada por um sentido de responsabilidade social e pela vontade de aplicar os conhecimentos adquiridos. Outros preferem prolongar a estadia para aprofundar a formação ou consolidar projetos profissionais, sem romper o vínculo com a Guiné-Bissau.

Este estudo contribui para uma leitura sociológica das trajetórias de estudantes guineenses em programas de mestrado em Portugal, revelando como sujeitos oriundos de contextos marcados por adversidades constroem percursos académicos e projetos de vida em diálogo com estruturas sociais, redes de apoio e horizontes de expectativa. Ao dar centralidade às suas narrativas, a investigação valoriza não apenas os desafios enfrentados, mas também as estratégias mobilizadas para transformar a educação superior num espaço de afirmação, pertença e possibilidade. A diversidade das experiências recolhidas reforça a importância de abordagens sensíveis à complexidade dos percursos migratórios e educativos, contribuindo para o debate sobre mobilidade académica, desigualdades e agência no espaço lusófono.

Referências

Alves, E., & Iorio, J. C. (2021). Da mobilidade estudantil à mobilidade social: os estudantes angolanos, brasileiros e cabo-verdianos em Portugal. *Finisterra*, 56(118), 221–239.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Bourdieu, P., & Passeron, J. C. (1983). *A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Lisboa: Vega.

Bourdieu, P. (2010 [1979]). *A distinção: Uma crítica social da faculdade do juízo*. Lisboa: Edições 70.

Cá, W. (2015). A experiência de integração escolar dos estudantes guineenses em Portugal: O caso dos estudantes do 1.º ciclo no ISCTE (Dissertação de mestrado). Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Sociologia.

Caetano, A. (2016). *Pensar na vida: biografias e reflexividade individual*. Mundos Sociais.

Charlot, B. (2000). *Da relação com o saber - Elementos para uma teoria* Porto Alegre: Editora Artmed.

Doutor, C., Marques, J. F., & Ambrósio, S. (2016). Transição para Portugal: O caso dos estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa no Ensino Superior. In J. F. Marques, M. H. Martins, C. Doutor, & T. Gonçalves (Eds.), *Univers(al)idade. Estudantes "não tradicionais" no ensino superior: Transições, obstáculos e conquistas* (pp. 22–34). Universidade do Algarve, CIEO.

Doutor, C., & Alves, N. (2020). Estudantes dos PALOP no ensino superior português: conquistas e desafios académicos. Laplage em Revista, 6(1), 47–60. https://doi.org/10.24115/s2446-6220202061719p.47-60

Doutor, C. (2024). Estudantes guineenses no ensino superior em Portugal: barreiras e recomendações. *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 32. DOI: 10.1590/1980-85852503880003205

Dubet, F. (2004). O que é uma escola justa? *Cadernos de Pesquisa, 34*(123), 539–555. https://doi.org/10.1590/S0100-15742004000300002

Emirbayer, M., & Mische, A. (1998). What is agency? *American Journal of Sociology*, *103*(4), 962–1023. https://doi.org/10.1086/231294

Eusafzai, H. A. K. (2023). Inhabiting the peripheries: A Bourdieusian exploration of international students' encounters in Kyrgyzstan. *Frontiers in Education, 8*, Article 1291357. https://doi.org/10.3389/feduc.2023.1291357

Lomer, S. et al. (2024). *Social inequalities in international student mobility: A systematic literature review* (CGHE Working Paper No. 117). Centre for Global Higher

Education. https://www.researchcghe.org/publications/social-inequalities-in-international-student-mobility-a-systematic-literature-review/

Machado, F. L. (2002). Contrastes e continuidades: Migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal. Oeiras: Celta Editora.

Machado, F. L., Costa, A. F., Mauritti, R., Martins, S. C., Casanova, J. L., & Almeida, J. F. (2003). *Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (66). https://doi.org/10.4000/rccs.1140

Mauritti, R., Pintassilgo, S., Rocha, H. B., Saleiro, S. P., & Mendes, J. (2023). Mobilidade internacional por motivos de estudo: fluxos e distribuição de estudantes da CPLP no ensino superior e território português. *Cidades*, *Comunidades e Territórios* (47). http://journals.openedition.org/cidades/8179

Oduwaye, O., Kiraz, A., & Sorakin, Y. (2023). A trend analysis of the challenges of international students over 21 years. *SAGE Open, 13*(4). https://doi.org/10.1177/21582440231210387

Santos, B. S. (2018). *O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.

Seabra, H., & Marques, J. C. (2016). Transição para Portugal: O caso dos estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa no ensino superior. Universidade de Aveiro.´

Silva, A. G. D., & Machado, E. (2023). Estudantes da Guiné-Bissau em Portugal – ISCSP-ULISBOA. Motivações, desafios cotidianos, redes de sociabilidade e perspetivas futuras. *EduSer*, *15*(1). https://doi.org/10.34620/eduser.v15i1.237

Vinagre, V. (2017). Ser estudante dos PALOP na Universidade do Algarve: uma abordagem a partir de histórias de vida [*Dissertação de Mestrado*], Universidade do Algarve.

Anexo A

Guião de entrevista

Apresentação:
Bom dia/Boa tarde, o meu nome é Rosalino Sá e estou a desenvolver um estudo no âmbito do Mestrado em Sociologia do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Trata-se de uma investigação para fins de desenvolvimento de uma dissertação de mestrado, a qual procura analisar perceções, representações e práticas que caracterizam a experiência dos estudantes guineenses nos mestrados desta universidade.

Tema e foco da investigação:
Trata-se de um estudo desenvolvido a partir de uma abordagem sociológica, orientada por uma metodologia de pesquisa qualitativa, acerca da experiência de estudos de estudantes guineenses que estão a avançar inscritos em cursos de 2º ciclo, mestrado, em Portugal. Teremos em conta as motivações, as vivências, a adaptação e os processos de integração, as relações sociais e as perspetivas de futuro.

Sentido e objetivo da entrevista:
Com esta entrevista, pretendo compreender melhor as suas experiências e perceções sobre o percurso académico que está a trilhar no mestrado em Portugal. O objetivo é explorar os desafios enfrentados, as estratégias de adaptação, as redes de apoio, a interação com colegas e professores, bem como as suas expectativas. A sua participação será fundamental para enriquecer esta investigação e contribuir para um melhor entendimento das dinâmicas de integração e sucesso académico dos estudantes guineenses no ensino superior português.

Autorização para gravar a entrevista e garantia de anonimato:
Toda a informação partilhada nesta entrevista será tratada de forma confidencial e anonimizada. Nenhum dado pessoal será associado às respostas fornecidas, garantindo total privacidade. A gravação da entrevista servirá exclusivamente para fins de análise académica. Caso em algum momento deseje interromper a entrevista ou retirar a sua participação, poderá fazê-lo sem qualquer problema.

Para facilitar a análise das informações que fornecer, vou pedir-lhe autorização para gravar a entrevista. **AUTORIZA?**

Vamos iniciar com algumas perguntas de caracterização sociodemográfica

Género:		Idade:	
Nível de escolaridade:		Cidade de origem:	
Ano em que chegou a Portugal:		Cidade onde vive em Portugal:	
Com quem vive em Portugal? *(pais, cônjuge, filhos, amigos, colegas?)*			
Curso Licenciatura:			
Universidade em que fez licenciatura:		Ano de término:	
Profissão:			
Setor de atividade:			
Situação na profissão:			
Tipo de contrato:			
Contribuição p/ seg. social:			

Agora vamos conversar sobre a sua trajetória…

Bloco 1 – Origem social e contexto familiar

Vamos iniciar falando um pouco sobre a sua família e a sua origem social

1. Pode falar um pouco sobre a sua família? Na casa em que você cresceu, com quem vivia?

2. Qual o nível de escolaridade dos seus pais ou responsáveis?

3. Qual a profissão dos seus pais ou responsáveis?

4. Havia estímulos para o estudo por parte da sua família? Se sim, quem era a pessoa que estimulava?

Bloco 2 – Experiências escolares e académicas anteriores ao mestrado

Vamos falar agora sobre as suas experiências escolares e académicas antes do mestrado

1. Pode contar como foi a sua trajetória educacional na Guiné-Bissau?
    a. Estudou em que tipo de escolas (pública ou privada, por exemplo)?
    b. Era bom/boa aluno/a? Teve reprovações?
    c. Quais foram os maiores desafios que considera que enfrentou para entrar na universidade?
2. Especificamente sobre a experiência académica, como foi o início da licenciatura?
    a. Teve algum tipo de apoio financeiro durante a realização da licenciatura? Se sim, que tipo de apoio?
    b. Como descreve/qualifica a sua experiência de estudos na licenciatura? Foi algo gratificante? Teve dificuldades?
    c. Sentia-se integrado na universidade em que estudou?
    d. Como era a relação com os professores?
    e. E como era a relação com os colegas estudantes?

Bloco 3 – Razões para prosseguir com os estudos em Portugal

Vamos falar agora sobre as suas experiências para vir estudar em Portugal

1. O que levou a escolher Portugal como destino para o seu mestrado?

2. Como soube das oportunidades de estudos em Portugal?

3. Quais fatores académicos considera que mais influenciaram a sua decisão? (cursos oferecidos, qualidade das universidades, vivenciar uma experiência internacional etc.)

4. Quais foram os desafios logísticos que enfrentou ao decidir estudar em Portugal? (vistos, acesso a documentos, alojamento, recursos para pagar as propinas etc.)

5. Conta com algum apoio financeiro para custear os seus estudos em Portugal? Se sim, que tipo de apoio?

6. Quais são suas expectativas em relação ao ensino superior em Portugal?

Bloco 4 - Experiência académica no mestrado em Portugal

1. Quais são as principais diferenças que sente entre o ensino em Portugal e na Guiné-Bissau?
2. Já enfrentou dificuldades relacionadas ao idioma?
3. Já enfrentou dificuldades relacionadas às metodologias de ensino e de avaliação acadêmica utilizadas na instituição?
4. Quais são os recursos acadêmicos (bibliotecas, laboratórios, etc.) que mais utiliza?
5. Participa de atividades extracurriculares ou cursos de competências transversais (exemplo: português académico, português como língua estrangeira ou outros)?
    a) Se sim, considera que essas atividades têm contribuído para a sua experiência e integração académica?
6. Quais são os principais desafios que enfrentou até agora na universidade durante o mestrado e como tem lidado ou lidou com os mesmos?
7. Quais são as suas expectativas em relação ao restante do curso e como planeia alcançar seus objetivos académicos?

Bloco 5 - Integração e Adaptação

No país:

1. Como foi sua adaptação à cultura e ao estilo de vida em Portugal?
2. Quais desafios enfrentou ao chegar ao país (documentos, moradia, alimentação, transporte, emprego etc.)?

Na universidade:

3. Como descreveria a sua integração na universidade?
4. E a sua integração com os colegas e professores?

5. Já vivenciou alguma situação em que se sentiu constrangido na instituição? (em sala de aula, com colegas ou professores, ou em espaços institucionais, na relação com funcionários)

6. Considera que há apoio institucional para os estudantes guineenses (como serviços de apoio ao estudante, orientação académica, etc.)? Se sim, como o avalia esse(s) apoio(s)?

7. Como tem sido a sua adaptação ao sistema de ensino superior em Portugal? Por exemplo, em termos de carga horária e exigências acadêmicas?

Bloco 6 - Relações Sociais e Comunidade Académica

1. Como avalia a relação entre estudantes guineenses e outros estudantes (portugueses e de outras nacionalidades)?
2. Como é a relação com professores e funcionários da instituição de ensino?
3. Considera que há uma comunidade ativa de estudantes guineenses em Portugal? E na sua instituição?

Bloco 7 - Perspetivas Futuras

Para terminar, gostaria de falar sobre as suas perspetivas de futuro

1. Pretende retornar à Guiné-Bissau após a conclusão dos estudos cá em Portugal?
    a. **Se pretender regressar**, acha que o diploma obtido em Portugal vai assegurar a sua entrada no mercado de trabalho em seu país?
    b. **Se não pretender regressar** e desejar continuar em Portugal, quais são os planos que tem para após o mestrado, por exemplo, pretende continuar a estudar ao nível do doutoramento (ou tem outros planos)?
2. Como avalia o impacto dos estudos em Portugal na sua vida profissional e pessoal no futuro?